

ESPORTES

Com recorde no número de atletas, delegação paralímpica do Brasil começa a desembarcar na França

Destiné à Paris

NANA ADNET*
ARTHUR RIBEIRO*

Capital do esporte mundial nas últimas semanas com a disputa das Olimpíadas, Paris segue concentrando holofotes e recebendo os melhores atletas do planeta, mas agora para os Jogos Paralímpicos. Serão 11 dias de competição, com abertura oficial marcada para 28 de agosto, encerramento em 8 de setembro e muito Brasil em ação. Referência nas Paralimpíadas, o time verde-amarelo começou a desembarcar na capital francesa na segunda-feira e terá a maior delegação da história na competição.

Serão 279 atletas brasileiros, atuando em 20 das 22 modalidades dos Jogos. O plantel é composto por 254 esportistas com deficiência, três calheiros da bocha, dois goleiros do futebol de cegos, um timoneiro do remo e 19 atletas-guia, dos quais 18 são do atletismo e um do triatlo. O contingente conta com 116 mulheres, o maior da história. São estes os representantes do

país na missão de superar a campanha de Tóquio-2020. Na ocasião, o Brasil terminou em sétimo no quadro geral, assim como em Londres-2012, dono de 22 ouros e 72 medalhas ao todo — a melhor marca nacional.

Desta vez, o objetivo é subir na classificação e existe motivo de sobra para acreditar no brilho verde-amarelo em Paris, principalmente pelo desempenho no Parapan-Americano de Santiago-2023. O time brasileiro dominou a competição e empilhou recordes, com 343 pódios e 156 ouros, mais que Estados Unidos e Colômbia juntos, segundo e terceiro colocados, respectivamente. O sucesso também veio nos Mundiais, com destaque para o atletismo — a delegação foi a que mais ganhou medalhas e ficou em segundo, atrás apenas da China.

O Brasil estará com nomes de peso para fazer bonito na Cidade de Luz. Entre os destaques, Felipe Rodrigues retorna para a quinta Paralimpíada da carreira e é o maior medalhista entre os atletas do país. O nadador

Ale Cabral/CPB



Phelipe Rodrigues é o maior medalhista entre os atletas do país, com oito pódios — cinco pratas

“São três anos de trabalho duro. A primeira meta é classificar para a final, que é onde tem possibilidade de medalha, e depois brigar para estar no topo do pódio representando a nossa bandeira. A cabeça está pronta e o barco também, vamos com tudo”

Aline Furtado, canoísta

Modalidades nos Jogos-2024

Atletismo	Judô
Badminton	Natação
Basquete em cadeira de rodas	Remo
Bocha	Rugby em cadeira de rodas
Canoagem	Taekwondo
Ciclismo de estrada	Tênis em cadeira de rodas
Ciclismo de pista	Tiro com arco
Esgrima em cadeira de rodas	Tiro esportivo
Futebol de cegos	Triatlo
Goalball	Vôlei sentado
Halterofilismo	
Hipismo	

soma oito pódios, com cinco pratas. Recordista mundial nos 100 metros rasos, no atletismo, Petrucio Ferreira também é presença certa em Paris para defender o ouro pela terceira edição consecutiva. Bruna Alexandre

é outra que atrai a atenção. Primeira brasileira a disputar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, ela integrou a equipe do tênis de mesa feminino nas Olimpíadas, ao lado de Bruna Takahashi e Giulia Takahashi.

279 ATLETAS

Total de brasileiros nas Paralimpíadas de Paris-2024



Bruna Alexandre participou do evento anterior em Paris-2024

Brasília também marca presença nos Jogos

Se tem Brasil, a capital federal não poderia ficar de fora. O DF será representado por nove atletas nos Jogos, com destaque para o goalball. A modalidade reúne quatro candangos, com as duplas Leomon Moreno e André Cláudio Botelho, no masculino, e Ana Gabriely e Jéssica Vitorino compondo o time feminino. Além deles, Carla Maia (tênis

de mesa), Daniele Souza (badminton), Sérgio Oliva (hipismo), Wendel Souza (guia) e Wendell Belarmino (natação) carregam a bandeira de Brasília.

A capital do país também é casa para atletas que nasceram em outros estados, mas migraram para o DF e estarão em Paris. Aline Furtado, da canoagem, que começou na modali-

dade em 2021 e soma conquistas. Ouro no Pan-Americano de 2023, Campeonato Brasileiro de 2023 e Sul-Americano de 2022, a potiguar também é professora da rede pública e quer um lugar entre os melhores.

“São três anos de trabalho duro. Sou muito nova na modalidade, mas, desde o início, a ida para os Jogos era o objetivo.

Agora, a primeira meta é classificar para a final, que é onde tem possibilidade de medalha, e depois brigar para estar no topo do pódio representando a nossa bandeira. A cabeça está pronta e o barco também, vamos com tudo”, projeta Aline.

* Estagiários sob a supervisão de Fernando Brito

Carl de Souza/divulgação



“Vim de uma geração em que o não apoio era o apoio. Não queria tapa nas costas, é justamente por você não gostar que eu gosto. Essa é a minha personalidade, visão do skate”

Bob Burnquist, ídolo do skate

o cara, só me trouxe felicidade, realização e vontade de retribuir para a cultura o que foi feito por mim”, pontua.

A parte boa é tão boa, que até a parte ruim serve para Bob Burnquist como lembrete. “Sentir dor é bom e não tem problema. Eu faço tantas coisas que esse negócio de me machucar funciona como um ‘deixa eu me beliscar para ver se eu não estou vivendo a realidade, mas é a vida dos meus sonhos’, comenta Burnquist, que nessas idas e vindas das pistas de skate quebrou mais de 40 ossos do corpo.

O skatista lembra que, no começo, a arte que faz era proibida. “Vim de uma geração em que o não apoio era o apoio. Não queria tapa nas costas, é justamente por você não gostar que eu gosto. Essa é a minha personalidade, visão do skate”, conta. Por esse motivo, ele se dá importância em todo o processo, mas enxerga o papel

40 OSSOS

Estimativa de fraturas sofridas por Bob Burnquist ao longo da carreira

como uma engrenagem para a máquina girar. “É uma sequência de pessoas, acontecimentos, evoluções, que movimentaram a cultura e a sociedade para chegar onde chegamos com skate”, reflete. “Eu sei que eu entrei na transição, o skate estava na sombra e veio para o mainstream. Quando eu vi, estava no meio disso tudo, programas na Globo, transmissão da Megarampa e os X Games”, completa.

A humildade é tanta que

Patricio Diaz teve de intervir. “Acho que o Bob é muito humilde. Hoje, vemos na capa dos jornais o feito dos skatistas brasileiros nas Olimpíadas, mas, um tempo atrás, essa atividade era criminalizada e marginalizada. Os feitos do Bob e de outras grande estrelas do esporte contribuem para mudar esse cenário”, afirma o gerente da Warner, que vê muito valor no seriado. “Tentamos trazer para nossas séries histórias que têm relevância cultural e social. Essa narrativa é uma delas”, diz.

Olimpíadas

O skate é um esporte muito popular no Brasil e, após duas boas apresentações da equipe olímpica do país, tem se tornado mais ainda prestigiado. Bob Burnquist, no papel de presidente da CBSK, foi crucial para que essa arte que praticava fosse reconhecida como uma modalidade de alto rendimento. A lenda, contu-

do, tem críticas ao modelo adaptado para os Jogos Olímpicos.

“Eu não me identifico com a situação do skate olímpico”, afirma. O fato não anula o sentimento que ainda corre nas veias de Bob. “Identifico-me muito com a emoção do Akio e da Rayssa”, diz, em referência às medalhas de bronze de Augusto Akio e Rayssa Leal, respectivamente, no skate park masculino e skate street feminino, nas Olimpíadas de Paris.

Apesar das discordâncias, Burnquist deixa a emoção ultrapassar a razão quando assiste ao esporte que ama ganhar fãs e notoriedade. “Independente do que skatista tem de vestir, da forma como está a pista ou de como interagem, mesmo com o tal padrão olímpico, ainda é incrível ver onde chegou”, analisa o artista do skate, que não questiona os companheiros de profissão que se adequam ao padrão. “Cada um pode viver o skate como quiser”.



A brasiliense Daniele Souza representa a capital no badminton

SKATE

Bob Burnquist vive entre a arte e a lenda

PEDRO IBARRA

Um dos maiores que já subiram em um skate tem nome estrangeiro, mas CPF brasileiro: Robert Dean Silva Burnquist, mais conhecido como Bob Burnquist. O atleta, que se auto-intitula um artista do skate, é um dos mais renomados, cultuados e vitoriosos do esporte que começou a praticar nos anos 1980. Toda essa trajetória é contada em *Bob Burnquist: a lenda do skate*, série documental de quatro episódios na plataforma Max que estreou ontem.

A produção acompanha desde as peripécias de uma infância travessa até as conquistas do maior medalhista da história dos X Games, com 30 premiações. A ideia é homenagear um dos mais importantes skatistas de todos os tempos e exaltar a figura desse atleta que também é artista, inovou nas rampas e abriu portas fora delas. “Não é apenas uma série de um grande esportista e personagem, mas também conta sobre a mudança de um grande paradigma”, explica Patricio Diaz, gerente de conteúdo da Warner Bros.

De forma anacrônica, a série passeia pela história de Bob e conta os melhores momentos com entrevistas de amigos próximos, familiares e ícones do skate que, de alguma forma, se relacionam com o caminho do

ex-presidente da Confederação Brasileira de Skate (CBSK). Nomes como Tony Hawk, Ben Harper, Danny Way, Jake Brown, Lance Mountain e Christian Hosoi falam no documentário. “As coisas foram ficando doidas quando os ídolos com quem eu sonhava andar junto começaram a me reconhecer e me admirar também. Nesse momento, entendi que o que eu estava fazendo era especial”, afirma Bob Burnquist em entrevista ao *Correio*.

O projeto era de princípio ambicioso: foram quase oito anos de produção, mais de 20 colaboradores pelo mundo e um bruto que chegou a 150 terabytes de material. “Um projeto muito rico e o resultado foi ótimo”, afirma o diretor Daniel Baccaro, que exalta o protagonista dessa história real. “Multimedialista de X Games, multicampeão do mundo, pula de paraquedas, pilota avião, helicóptero e ainda é gente boa e carismático. Foi só colocar a câmera na frente do Bob que funcionou”, brinca o cineasta.

“Ver a minha história contada, os arquivos e tudo que o Daniel gravou e orquestrou com a galera toda é como se eu tivesse andando dentro do meu cérebro”, destaca Burnquist, afirmando que, mesmo com tantas conquistas, nada sobe à cabeça. “Isso não me fez me sentir